

# FILOSOFIA DE NIETZSCHE EM CLARICE LISPECTOR

PHILOSOPHY OF NIETZSCHE IN CLARICE LISPECTOR

Marcelo Manhães de OLIVEIRA<sup>1</sup>

**Resumo:** Partindo da biografia de Clarice Lispector realizada por Lícia Manzo e dos estudos de Rosa Maria Dias acerca da vontade de potência pensados por Nietzsche, o presente artigo demonstra a relação do processo criativo de Clarice Lispector, o *modus operandi* na construção dos textos que compõem suas obras, baseando-se nos conceitos nietzschianos, conceitos estes que se relacionam com a psique da autora e que afetam as personagens, transitando por entre as variadas faixas observadas por Nietzsche.

**Palavras-chave:** Aforismo. Vontade. Desprazer. Esgotamento.

**Abstract:** Starting from Lícia Manzo's biography of Clarice Lispector and Rosa Maria Dias's studies of will to potency thought by Nietzsche, this article demonstrates the relation of Clarice Lispector's creative process, the *modus operandi* in the construction of the texts that make up her works, based on the Nietzschean concepts, which are related to the author's psyche and affect the characters, moving among the various tracks observed by Nietzsche.

**Keywords:** Aphorism. Will. Displeasure. Exhaustion.

“Morreu Clarice Lispector, que escrevia para entender melhor os homens e o mundo.” (ANÔNIMO. In: Correio do Povo. Porto Alegre, 10 de dezembro de 1977.).

## O Aforismo em Clarice Lispector

Nietzsche (2003) defendia a ideia de que somente os pensamentos que ocorrem ao caminharmos tem valor. São os “pensamentos caminhantes”. O filósofo criticou veementemente a Gustave Flaubert pelo sedentarismo e por pensar sentado ao mesmo tempo que escrevia. Nietzsche condenou o sedentarismo. Assemelhando-se as observações de Nietzsche, no ensaio *Era uma vez: Eu. A não ficção na obra de Clarice Lispector* (2001.), Lícia Manzo conta que Clarice desenvolveu um método que julgou adequado, pois, ao contrário de Flaubert, sentava-se diante da máquina de escrever e pouco desenvolvia. Decidiu-se por andar com um caderno de notas na bolsa durante todo o dia, capturando imagens, fragmentos, possíveis personagens, cenas que mais tarde seriam inseridas num palimpsesto que se tornaria um conto, ou comporia uma crônica, ou ainda passagens de romances. As impressões de Clarice daquilo que via ao seu redor se transformavam e ela

---

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

simplesmente escrevia do seu jeito peculiar. Sua escrita, portanto, coincide com a proposta de Nietzsche, pois eram fragmentadas e descontínuas, em se tratando de impressões colhidas ao ar livre.

Esclarece Rosa Maria Dias como se dá o processo de escritura aforística:

A escritura aforística, por ser a escritura do pensamento que nasceu ao ar livre, é descontínua. Entre um fragmento e outro, há um espaço indeterminado que não separa nem junta os fragmentos. Esse espaço em branco é, para o aforismo, aquilo que a pausa é para a música: um vazio cheio de significação. A fala descontínua e intermitente da escritura aforística deixa vaziar para o pensamento a exterioridade. (DIAS, 2011, p.29.).

A forma aforística e fragmentada é uma marca nas obras de Clarice. Seu primeiro livro, *Perto do Coração Selvagem* (1943), publicado aos vinte e dois anos de idade foi construído a partir de fragmentos soltos. Conforme Manzo, Lúcio Cardoso, escritor e amigo de Clarice, afirmou que tais fragmentos na obra compunham uma unidade temática. De fato, é possível observar em Clarice, certo processo aforístico na cadência de seus textos, como na fala de sua personagem Joana “A única verdade é que vivo. Sinceramente, eu vivo. Quem sou? Bem, isso já é demais.” (LISPECTOR, 1987, p. 11.).

Outras ocasiões demonstram o pensamento reflexivo de Clarice naquilo que poderíamos conceituar como aforismos, como no artigo *Observações sobre o fundamento do direito de punir* (1941) que escrevera para a revista *A Época*, ainda na juventude, quando do seu ingresso na Faculdade de Direito: “Não há direito de punir. Há apenas poder de punir. O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que ele.” (LISPECTOR, 2005, p.45.).

Clarice Lispector é uma autora que se identifica continuamente com as inquietudes da infância, inquietudes que impelem a criança às perguntas das mais simples às mais complexas, perguntas das quais muitas vezes não há respostas, como na fala de sua personagem Joana (na fase infantil) que declara a preocupação no pensar acerca de perguntas sem resposta, mas que conduz os leitores à reflexão: “Podia-se ficar tardes inteiras pensando. Por exemplo: quem disse pela primeira vez assim: nunca?” (LISPECTOR, 1987, p.13). Uma interrogação após a palavra “nunca” nos impele a vasculharmos nossas consciências com relação aos recônditos mais íntimos de nossos seres. O termo utilizado pela autora na fala da criança nos conduz a uma relação pragmática da linguística, em que o sentido do termo nos remete ao questionamento de algo que certo interlocutor

pode colocar em dúvida mediante a negativa de um fato, como exemplo, quando a alguém se é perguntado: “Você nunca traiu?”, ao que o inquerido responde: “Nunca!”.

Nietzsche vai sondar também a felicidade efêmera do ser humano, comparando-o ao animal, cuja memória é restrita, dissipando rapidamente qualquer questionamento porque esquece imediatamente. O animal é um ser a-histórico que desperta inveja no homem pois

[...] o homem quer apenas isso, viver como o animal, sem melancolia, sem dor, e o quer entretanto em vão, porque não quer como o animal. O homem pergunta mesmo um dia ao animal: por que não me falas sobre tua felicidade e apenas me observas? O animal quer também responder e falar, isso se deve ao fato de que sempre esquece o que queria dizer, mas também já esqueceu esta resposta e silencia: de tal modo que o homem se admira disso. (NIETZSCHE, 2003, p.7.).

Clarice Lispector não obstante observou a vida dos animais e a semelhança do que dissera Nietzsche, parecia invejá-los, concebendo frases aforísticas como “Por que um cão é tão livre? Porque ele é o mistério vivo que não se indaga.” (EXPOSIÇÃO, 2007, p.34). Lícia Manzo relata em seu ensaio uma recordação de Olga Borelli, amiga de Clarice: “Segundo Olga, Clarice gostava de ficar horas esquecida, dedicando-se exclusivamente a observar seu cachorro. Às vezes, ela dizia: ‘Que inveja eu tenho de você Ulisses, porque você só fica sendo’.” (MANZO, 2001, p.171). Essas observações conduziram-na a outras divagações acerca de assuntos diversos, também registradas em frases de efeito: “Não se perde por não entender.” (EXPOSIÇÃO, 2007, p.44). Em outro momento Clarice filosofa sobre a relatividade da verdade: “Ver a verdade seria diferente de inventar a verdade” (EXPOSIÇÃO, 2007, p. 36).

Os aforismos, ou a escrita aforística, em Clarice podem ser observados em outros personagens de *Perto do Coração Selvagem*, como em Otávio: “Buscar a base do egoísmo: tudo o que sou não pode me interessar, há impossibilidade de ser além do que se é.” (LISPECTOR, 1987, p.10.).

Talvez, no entanto, um dos trabalhos mais densos de Clarice e que possibilite o leitor considerar uma sequência de aforismos ou, senão, uma escrita aforística, é o conto *O Ovo e a Galinha* (1964). A narrativa se dá pura e simplesmente com uma mulher que contempla um ovo em uma cozinha. Daí desencadeia-se uma série de pensamentos que relacionam o ovo à existência, à vida. Aparentemente, desobrigada de sentido, observa Lícia Manzo: “O cotidiano misturado às iluminações de uma mulher que constantemente o transfigura, fazendo com que possa emergir dele

mais que o habitual de cada dia, mas o insuspeito, o impensável, o imprevisível.” (MANZO, 2001, p.132.).

O problema da compreensão na escrita de Clarice pode estar exatamente na desobrigação da autora em ter que fazer sentido no texto como um todo. Talvez seja o mesmo problema enfrentado por Nietzsche devido ao fato de que assim como Clarice, Nietzsche tenha buscado o processo dos aforismos, que não tem necessariamente relação uns com os outros, encerrando em cada frase um pensamento próprio. Não há, na obra de Clarice, assim como em Nietzsche, a obrigatoriedade de orações subordinadas. Sobre isso discorre Rosa Dias:

O problema está no fato de, na exposição sistemática, as partes (ou elementos de um todo) encontram-se coordenadas entre si, funcionando como uma estrutura organizada, e, na exposição aforística elas não formarem um todo, porque cada uma já é um todo. Um fragmento é posto um depois do outro, sem manter uma relação necessária com aquele que o antecede ou com o que sucede a ele. (DIAS, 2011, p. 28.).

### **A vontade de potência em Clarice**

Para Nietzsche a expressão aforística, o estilo fragmentário, vão representar a vontade de potência e irão buscar os leitores e filólogos perfeitos, os quais, lenta e minuciosamente, tratarão de refazer a experiência do autor (o devir). Para Clarice, sua escrita fala principalmente a ela mesma, conforme depoimento: “Escrevo porque encontro nisso um prazer que não sei traduzir. Não sou pretenciosa. Escrevo para mim, para que eu sinta minha alma falando e cantando, às vezes chorando. (LISPECTOR apud MANZO, 2001, p.26.).

Rosa Dias esclarece que, para Nietzsche, o conceito de vontade é na psicologia limitado:

[...] na filosofia e na psicologia, a vontade foi entendida como sendo uma faculdade, como uma propriedade essencial do homem, como um poder ou liberdade de fazer alguma coisa. A vontade é, desse modo, uma substância, uma propriedade do sujeito, que é causa de toda ação, que, por isso, é livre para agir ou não. (DIAS, 2001, p. 40).

Nietzsche considera que vontade não representa somente desejo, como ocorre na concepção psicanalítica, algo que deva ser reprimido dentro da visão de Schopenhauer. Para Nietzsche, a vontade de potência está ligada à própria vida, ao superar a si, é concebida como

atividade criadora, necessitando expandir, crescer e gerar mais vida, algo orgânico, inerente não só ao homem, mas a todo ser vivo. A semelhança com a tese Darwin-malthusiana para por aí, ressalta Dias, pelo fato de Nietzsche considerar que a vontade de potência transcende o anseio pela sobrevivência, resumindo-se numa simples conservação da espécie a partir da superação dos indivíduos mais fortes sobre os mais fracos. A vontade de potência corresponde à “[...] expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro impulso fundamental da vida, que tende à expansão do poder” (DIAS, 2001, p.40).

A arte e a literatura são importantes meios em que a vontade de potência se dá. O próprio Nietzsche reconhece serem esses os meios que utiliza para buscar os leitores perfeitos que possam “ruminar” sua obra. Nietzsche, enquanto escritor, utilizará da sua obra para estabelecer os princípios de sua filosofia.

Clarice vai usar de sua habilidade de escrita aparentemente, para superar a si mesma. A literatura é para ela uma forma de desabafo: “Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida.” (LISPECTOR, 1978, p.6.), diz sua personagem, o autor, em *Um sopro de vida* (1978).

Em uma ocasião teria dito ao amigo Chico Barbosa: “Quando releio o que escrevo, tenho a impressão de que estou engolindo meu próprio vômito (LISPECTOR apud MANZO, 2001, p.12).

É importante, lembra-nos Dias, que os conceitos de Nietzsche quanto à vontade de potência revelam que “a atividade propriamente dita deriva da vontade de intensificar a potência, e não da vontade de conservação: as forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções têm primazia sobre as forças de adaptação” (DIAS, 2001, p.40).

Talvez, por esse motivo, Clarice Lispector nos demonstre uma constante inquietude em seus textos. A fragmentação, a não-linearidade, os neologismos, as rupturas, o estranhamento provocado em sua obra é propriamente, diríamos, um constante mover de forças, que buscam, incessantemente, constantemente, apropriar-se de espaços, adaptar-se, expandir-se. Clarice é como uma precipitação atmosférica, em que as nuvens vão rapidamente, desordenadamente, apropriando-se de espaços no céu, obliterando o azul com manchas ora brancas, ora cinzentas, ora completamente enegrecidas. Sua obra é calcada na tentativa de reconstruir algo, muitas vezes com tijolos de demolição, desformes, carcomidos, trincados. O resultado não será paredes lisas, aplumadas sim, mas não lisas. O embate entre a vontade de potência e as oposições, os conflitos, as inseguranças, as incertezas, tudo isso está estampado nos textos de Clarice. É o que Nietzsche

chamou de desprazer.

### **Clarice e sua relação com o desprazer**

O desprazer é, segundo Nietzsche, o resultado do embate entre a vontade de potência e as forças conservadoras. A dor, portanto, é a consequência dessa confluência de forças. Os textos de Clarice demonstram dor através dos conflitos, da consciência de se viver “num mundo caduco” (ANDRADE, 2012, p.34), como dissera Drummond. Um mundo onde ela, Clarice, se sente deslocada. Precisa lutar por um mundo dela. É na sua literatura que isso se dá num conflito constante:

Não, não quero ainda me falar, falar agora seria precipitar um sentido (...) Ou estarei apenas adiando o começar a falar? Por que não digo nada e apenas ganho tempo? Por medo. É preciso coragem para me aventurar numa tentativa de concretização do que sinto. É como se eu tivesse uma moeda e não soubesse em que país ela vale. (LISPECTOR, 1988, p.14).

Em outro momento ela dirá ao ser entrevistada:

Sinto-me só. É como se as pessoas ao se aproximarem de mim dessa maneira me negassem uma comunicação, impedindo-me de retribuir. Por acaso escrevo, e a coisa vem através da literatura. Mas se eu fosse bonita, ou tivesse dinheiro, por exemplo, também não gostaria que as pessoas me procurassem por essa razão. O bom é ser aceita como um todo, começando até nos defeitos, nas coisas pequenas, para depois então chegar às de maior importância. (LISPECTOR, 1961 apud CASS 1961.).

A existência humana é um *imperfectum* que não se acaba, segundo Nietzsche. A luta e o sofrimento decorrido dela lembra o homem que viver em plena consciência é deparar-se com a dor. O homem, diz Nietzsche, vive de memórias e vai invejar o animal que, para o filósofo alemão, é cínico, pois vive a vida em plena felicidade, não se recorda da dor e anseia por novas felicidades, já que “[...] A mínima felicidade, contanto que seja ininterrupta e faça feliz, é incomparavelmente maior do que a maior felicidade que só venha episodicamente, como capricho, como um incidente desvairado, entre puro desprazer, desejo e privação.” (NIETZSCHE, 2003, p.9.).

E é em razão disso, de estar continuamente inconsciente do “ser e estar” do animal, que o homem inveja-o, pois esta vive a-historicamente, desprovido de passado, pois se esquece, enquanto o homem perpetua suas memórias, seu sofrimento. Olga Borelli narra em entrevista à Lícia Manzo que certa ocasião Clarice adquirira um cão, passando horas a observá-lo. Segundo Borelli, a autora costuma dizer ao observar o cachorro a quem batizara pelo nome de Ulisses: “Que inveja eu tenho de você, Ulisses, porque você só fica sendo.” (MANZO, 2001, p. 171.)

Os textos de Clarice representam o homem e seu desprazer: olham para o passado e se abatem, desanimam-se com a visão de seu futuro. É diante da perspectiva de viver sob o estigma do medo, diante da ideia de transitar por um futuro sombrio, onde *viver é muito perigoso* (dirá a personagem Riobaldo de Guimarães Rosa), que o homem teme prosseguir, impelido apenas pela “vontade de potência”. Ao olhar para seu passado o homem sente desânimo, ao olhar para o futuro ele sente medo. A memória do passado o lembrará sempre que haverá lutas, barreiras a serem transpostas, haverá dor.

Em *A Paixão Segundo G.H.* (1964), Clarice Lispector narra um encontro inusitado entre uma mulher e uma barata. Advirá daí todo um processo reflexivo acerca da existência humana. Lícia Manzo explica que *G.H.* irá percorrer um longo trajeto até a possível comunhão com a barata. Comunhão que, em Clarice, nada mais é que a aceitação de todo um mundo renegado por nossa cultura (MANZO, 2001, p.78), mas do qual é feita também e irremediavelmente nossa vida: o feio, o sujo, o mortal, o irracional, o não compreensível.

Essa coisa sobrenatural que é viver. O viver que eu havia domesticado para torna-lo familiar. (...) Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui (...) Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma. (LISPECTOR, 1988, p.9).

Os conflitos existenciais são marcas da obra de Clarice Lispector. O desprazer a que Nietzsche se refere descreve a existência desses conflitos nos textos da autora.

### **Clarice Lispector enquanto sujeito que age e aspira**

Rosa Dias (2011) vai demonstrar que para Nietzsche o verdadeiro agente da ação é a vontade de potência. A obra de Clarice é, em sua essência, uma oposição ao radicalismo do pensamento, do discurso lógico, daquilo que obrigatoriamente demanda sentido. Sua escrita é libertária, como bem expressa Lícia Manzo (2001, p.75.), “selvagem, propõe reinventar e criar seus próprios reinos”.

O nosso crescimento íntimo está forçando as comportas e reberará com as formas inúteis de ser ou de escrever. Estou chamando o nosso progressivo autoconhecimento de vanguarda. Estou chamando de vanguarda pensarmos a nossa língua. Nossa língua. Nossa língua ainda não foi profundamente trabalhada pelo pensamento. Pensar a língua brasileira significa pensar sociologicamente, psicologicamente, filosoficamente, linguisticamente sobre nós mesmos. (...) Cada sintaxe nova abre então pequenas novas liberdades. Não as liberdades arbitrarias de quem pretende variar, mas uma liberdade mais verdadeira, e esta consiste em se descobrir que se é livre. Isso não é fácil. Descobrir que se é livre é uma violentação criativa. (LISPECTOR apud MANZO, 2001, p.75 - 76.).

Clarice Lispector foge à regra. É uma autora dentro de um movimento chamado modernista, mas que possui características bastante singulares. Muitos críticos sentem dificuldades em posicionar Clarice dentro desse movimento. É dona de um estilo próprio, inimitável. A fragmentação está presente na obra de Clarice, mas de uma forma bem particular. Seus textos, muitas vezes, parecem guardar aforismos, pensamentos que perpassassem por sua mente no transcorrer do dia, e que são devidamente anotados, hábito que a autora adotara desde seus primeiros anos de escrita. Escrevia o que queria e como queria. Sua escrita fazia parte de sua vida, fazia parte dela, algo impossível, portanto, de ser mutilado. Impunha ao leitor, muitas vezes, a reescrita de trechos de um conto ou de uma crônica, ou ainda de um romance. Certa vez disseram que sua literatura era um lixo, no que ela concordou, mas retrucou que era o momento de se ler lixo. Numa outra ocasião, revela-nos Lícia Manzo, foi duramente criticada por Henfil por não fazer uma obra social, ao que respondeu que se o encontrasse, apenas diria que seu nome se escrevia com “c”, não com “ss”, referindo-se ao erro ortográfico cometido por Henfil (LISPECTOR apud MANZO, 2001, p.203 - 204.).

### **O esgotamento da autora**

Mas se Clarice, na visão de Nietzsche, poderia ser considerada *uma forte*, aquela que transgridi, que se impõe perante as forças de oposição, e as forças de oposição nos tempos vividos por Clarice Lispector eram muitas, se considerarmos o fato de ser uma mulher, divorciada, escritora, vivendo em um mundo ainda completamente patriarcal, onde a mulher tinha pouco espaço, espaço este minimizado ainda mais em função de uma ditadura militar a que o Brasil fora submetido. Não foram poucas as oposições, as críticas, as dificuldades financeiras para manter-se e aos seus dois filhos. Recorrera a diversos empregos, como cronista do *Jornal do Brasil*, como escritora, como entrevistadora para as revistas *Manchete* e *Fatos e Fotos*, como funcionária pública. Mas era na literatura anotada em pedaços de papel, em capas de talões de cheques, em blocos de anotações, que Clarice procurava esvaziar-se de um poço aparentemente sem fundo e cheio de incertezas, de incompreensões. Talvez por esse motivo, se identificava tanto com crianças. Os por quês são constantes em Clarice, assim como ocorre com a curiosidade incontrolável, mas não impertinente das crianças. Clarice procurava entender o mundo, as pessoas, mas antes de tudo, a si mesma. Lembra-nos Lícia Manzo (2001, p.170.) que segundo “o filósofo José Américo Pessanha, as crianças surgem na obra da escritora em convite à desracionalização: caminho à realidade viva e autêntica do homem, em convite ao ‘eu’ profundo.”

Se o universo infantil é para Clarice Lispector uma alternativa ao mundo racional, paradigmático, é o mundo racional sua oposição constante, com o que ela vai se confrontar continuamente e expressar suas inconformidades através da escritura. Mas a isso, a todo esse esforço, toda essa confrontação de forças é que vai gerar na autora aquilo que Nietzsche chamou de *esgotamento*.

Segundo Nietzsche, “o esgotamento representa, efetivamente, uma profunda diminuição e depressão da vontade de potência, uma perda avaliável de força...” (NIETZSCHE apud DIAS, 2011, p.37.). Comenta Rosa Dias que para Nietzsche, a vida

[...] é a expressão das formas de crescimento da potência. A interpretação biológica da existência é vista por Nietzsche como fazendo parte do projeto teórico da metafísica, que inventa um mundo da permanência, da conservação, por estar descontente com a mudança, o perecível ou com o imprevisível. A gênese dessas ideias é consequência de um estado psicológico de esgotamento, de perda de força, de descontentamento em relação à existência. (NIETZSCHE apud DIAS, 2011, p.39.).

Clarice vai chegar aos últimos anos de sua vida sentindo-se esgotada. Uma vida em que vivera uma infância pobre, uma vida em que abdicara de seu próprio querer em função do marido, uma vida voltada para cuidar dos filhos, uma vida em que se anulava, exceto quando escrevia. Escrever para Clarice Lispector, era como foi dito por ela mesma, manter-se viva. No entanto, as vicissitudes de uma vida não tão fácil, agravada por problemas financeiros após o rompimento no casamento, dificultada pela árdua tarefa de cuidar dos filhos, um deles esquizofrênico, por ter de abdicar da vaidade em função de queimaduras sofridas em um acidente doméstico, pela demissão como cronista do *Jornal do Brasil*, função esta que lhe garantia prazer e receita, enfim a autora dirá em uma de suas crônicas, nos mostra Manzo:

Perdi amigos. Não entendo a morte. Mas não tenho medo de morrer. Vai ser um descanso: um berço enfim. Não apressarei, viverei até a última gota de fel. [...] O horrível dever é ir até o fim. E sem contar com ninguém. Viver a própria realidade.

Descobrir a verdade. E, para sofrer menos, embotar-me um pouco. Que fazer, se sinto inteiramente o que as outras pessoas são e sentem? (LISPECTOR apud MANZO, 2001, p.211 - 212).

Estava claro o esgotamento da autora, sua vontade de potência havia se extinguido. Apenas, agora, deixava-se conduzir pelo destino, não lutaria mais contra ele, ou por ele.

### **Considerações finais**

Clarice Lispector demonstra toda a sua complexidade tanto em sua vida quanto em sua obra. Por ocasião da exposição *Clarice Lispector: a hora da estrela*, sob a curadoria de Ferreira Gullar, ele comenta que “Ela não se interessa na individualidade, no caráter, na psicologia dos personagens mas, sim, na situação-limite em que se encontram e, quando reagem, não o fazem como indivíduos e sim, como o ser humano na sua essencialidade. Por isso, todos eles são também, na verdade, ela, Clarice” (EXPOSIÇÃO, 2007). São partes de um todo que também será por si mesma parte, porque, segundo demonstrações da autora, ela mesma não se conhecia inteiramente. No entanto, Clarice tentará superar os entraves que parecem limitar sua vida através da sua literatura. Transitando por períodos de estagnação e intenso volume de trabalho, Clarice perpassará pelas escalas a que Nietzsche havia hipoteticamente imaginado. No decorrer dos anos, há de se observar que elas, personagens e autora, serão elementos humanos que não se mobilizam somente em um

único estágio na escala nietzschiana, pois verificamos que as personagens alternam desde momentos de intensa vontade, a vontade de potência a que Nietzsche se refere, a momentos de desânimo extremo, entre o desprazer e o esgotamento.

Por fim, cabe lembrar a observação de Nietzsche quanto à relação do consciente e inconsciente nas atividades do indivíduo no que tange a comunicação. Para Nietzsche a vontade consciente “[...] nada cria. A consciência não faz mais do que redizer o que já foi criado. (DIAS, 2011, p.44.)”. Ela será simplesmente um agente delimitador do eu em favor da coletividade. Em Nietzsche “Consciência é propriamente apenas uma rede de ligação entre homem e homem...” (DIAS, 2011, p.44).

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

CASS, Rosa. Clarice e a Maça no Escuro. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30/07/1961.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

EXPOSIÇÃO, Catálogo de. *Clarice Lispector: a hora da estrela/* [curadoria de Ferreira Gullar e Julia Peregrino]. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2007.

JUNIOR, Joaquim Mattoso Câmara. *Manual de Expressão Oral e Escrita*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* Coleção Arquivos. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

\_\_\_\_\_. O ovo e a galinha. In: *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

MANZO, Lícia. Era uma vez: *Eu. A não-ficção na obra de Clarice Lispector*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: The Document Company-Xerox do Brasil, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

Recebido em: 31/8/2019

Aprovado em: 25/10/2019